

UCLA

Mester

Title

o equilibrista de (in)certezas: OTTONI, PAULO. Tradução Manifesta: double bind e acontecimento. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005. 198 pp.

Permalink

<https://escholarship.org/uc/item/5810c1f0>

Journal

Mester, 35(1)

Author

Soares, Débora Racy

Publication Date

2006

DOI

10.5070/M3351014653

Copyright Information

Copyright 2006 by the author(s). All rights reserved unless otherwise indicated. Contact the author(s) for any necessary permissions. Learn more at <https://escholarship.org/terms>

Peer reviewed

O equilibrista de (in)certezas¹

OTTONI, PAULO. *Tradução Manifesta: double bind e acontecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005. 198 pp.

Tradução Manifesta: double bind e acontecimento é o mais recente livro de Paulo Ottoni. Professor titular do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Ottoni, além de atuar nas áreas de teoria, prática e ensino de tradução, também coordena o grupo de pesquisa Traduzir Derrida—Políticas e Desconstruções. *Tradução Manifesta: double bind e acontecimento* apresenta pressupostos que permitem afirmar que Ottoni filia-se à perspectiva pós-estruturalista. O compromisso do autor advém da urgência de refletir sobre a tradução e seus desdobramentos (teoria, prática), sob uma nova visada. Como os pensadores que aderem à proposta pós-estruturalista, Ottoni é severo ao manifestar sua crítica à postura estritamente estruturalista e descritiva da ciência lingüística.

Este livro divide-se em duas partes. Na primeira, encontramos dez artigos sobre tradução que foram escritos em diferentes momentos do percurso acadêmico do autor. Os quatro primeiros artigos resultam de conferências ministradas por Ottoni na Alemanha, no Institut für Übersezen und Dolmetchen da Universidade de Heidelberg, entre janeiro de 1996 e fevereiro de 1997. Estes escritos introdutórios questionam os pressupostos da lingüística tradicional e assinalam a relação conflituosa que ela estabelece com a tradução, além de apontarem para a necessidade de considerar a multiplicidade de línguas envolvidas no processo tradutório. Os quinto e sexto artigos são inéditos e encaram a tradução sob a ótica da psicanálise. O sétimo texto é o mais antigo e, juntamente com o oitavo, foi escrito para integrar esta coletânea. Neles Ottoni ressalta o papel corrosivo que as teorias da tradução de base lingüística têm na formação dos alunos. Os dois últimos artigos, que encerram a primeira parte do livro, tratam do papel dos tradutores da escritura de Derrida. Foram reescritos, após terem sido apresentados como comunicações, em congressos no Canadá e no Japão, em 1999.

A segunda parte desta coletânea consiste na apresentação e na tradução de um texto de Derrida, “Fidelidade a mais de um—merecer herdar onde a genealogia falta,” realizada por Ottoni. Trata-se da reunião dos comentários finais, acrescido das intervenções de Derrida

em oito comunicações realizadas no Encontro de Rabat, Marrocos, em junho de 1996. Como adverte Ottoni em nota introdutória de *Tradução Manifesta*, os textos da primeira parte não impõem uma ordem de leitura. Eles foram concebidos como “um só texto dividido em dez partes” (11). Nesse sentido, costurados por uma mesma concepção de tradução, é possível que se parta, sem prejuízo para a leitura, de qualquer um deles. Todos os textos conduzem a uma discussão aprofundada sobre as relações entre tradução e desconstrução.

Os artigos ganham corpo a partir de uma perspectiva inovadora que se distancia bastante da idéia normativa sobre tradução e, portanto, dos pressupostos da abordagem lingüística. Esta abordagem tradicional minimiza a participação do tradutor na transformação e produção de significados e concebe a tradução como forma de transporte de sentidos estáveis entre as línguas de partida e de chegada. A proposta desconstrutivista, ao incorporar os jogos de sentido na própria tradução, encara o tradutor como um produtor ativo de significados, deflagrador das línguas envolvidas na tradução. A tradução concebida sob o viés da desconstrução é um acontecimento que, além de promover uma reflexão sobre as línguas, desestabiliza as bases nas quais se assentam as teorias tradicionais da tradução. Estabelece-se, dessa forma, o *double bind* que intitula o livro e que está associado à concepção de tradução como acontecimento. O *double bind* é uma maneira de desmontar as dicotomias que sustentam as teorias tradicionais da tradução. Se o acontecimento aponta para “a possibilidade de conceber a tradução fora de qualquer aprisionamento teórico,” o *double bind* é o imperativo categórico que reflete o paradoxo constitutivo do processo de tradução (15). Em outras palavras, o *double bind* demarca a impossibilidade e, ao mesmo tempo, a necessidade da tradução. Este paradoxo sustenta o processo de leitura e de tradução promovidos pela desconstrução. A difícil tarefa (*Aufgabe*)² do tradutor/leitor é aprender a “sofrer e suportar” o *double bind* ciente de que, sem ele, não há leitura, tampouco tradução (12).

Nos dois primeiros textos, “O papel da lingüística e a relação teoria e prática no ensino da tradução” e “Compreensão e interpretação no ato de traduzir: reflexões sobre o enunciado e a significação” problematizam-se os pressupostos teóricos das abordagens lingüísticas da linguagem. Partindo de Jakobson e de Mounin, passando por Saussure e Bakhtin, Haroldo de Campos e Walter Benjamin, entre outros, mas sempre iluminado por Derrida, Ottoni esclarece e exemplifica certos

conflitos, como as dicotomias teoria-prática, sujeito-objeto que ainda permeiam o ensino da tradução no Brasil. Uma de suas importantes conclusões é que a “lingüística não dá conta da tradução enquanto um acontecimento que emerge do funcionamento da linguagem” (23). Em outras palavras, a lingüística, nas sendas abertas por Saussure, ao se constituir como uma ciência positiva, com bases logocêntricas, fundamenta-se na manutenção das dicotomias sujeito-objeto, teoria-prática. Na opinião de Ottoni, a lingüística tradicional só faz “domesticar,” “dominar” e “aprisionar” o fenômeno da tradução (23). Nesse sentido, Mounin e Jakobson, ao atentarem para a “possibilidade da impossibilidade” da tradução, subordinaram a tradução à lingüística (23). Da perspectiva da lingüística tradicional, a tradução configura-se, na opinião de Ottoni, como uma impossibilidade teórica e prática. No âmbito brasileiro, Ottoni e Arrojo foram pioneiros em pensar a tradução sob a perspectiva pós-estruturalista. Ambos são unânimes em afirmar que é preciso escapar dos pressupostos da lingüística tradicional, ou como diz Arrojo, do “preconceito da inferioridade ou da impossibilidade” da tradução (25–28).

Os dois textos seguintes, “Tradução recíproca e *double bind*: transbordamento e multiplicidade de línguas” e “A tradução é desde sempre resistência: reflexões sobre teoria e história da tradução” consistem na discussão sobre o papel dos tradutores quando confrontados com a multiplicidade de línguas mobilizadas pela tradução. O tradutor, na perspectiva da desconstrução, é concebido como sujeito ativo que interfere nas línguas envolvidas na tradução, transformando-as e produzindo novos significados. Ele é um verdadeiro produtor de “impurezas” que faz transbordar significados de uma língua para outra (51). Na abordagem estrutural e formal tenta-se evitar, ao máximo, este transbordamento, em favor de uma suposta fidelidade, já que a tradução é encarada como perda, traição. A essa altura é preciso introduzir a concepção de tradução de um dos mais importantes tradutores literários brasileiros: Haroldo de Campos. Suas traduções, embora possam ser aproximadas do *criticism by translation* de Ezra Pound, não deixam de iluminar os caminhos de Ottoni e de Lages que, além de tradutora, é docente na Universidade Federal Fluminense. Crítico mordaz das traduções na linha da tradição das *belles infidèles*, que elegem textos onde a função semântica é preponderante, Campos parte de textos considerados (por aquela tradição) “menos passíveis de serem traduzidos” (qtd. in Seligmann-Silva 198). Nesse sentido,

como Walter Benjamin, Campos aposta que os textos semanticamente menos densos servem melhor à tradução. Para ele, a tradução deve ser encarada como uma missão “luciferina” que inverte a tarefa do tradutor, transformando o original na tradução de sua tradução (179).

O conceito de fidelidade deve ser encarado, na abordagem des-constructivista, sob a perspectiva filosófica e ideológica e fora do âmbito estritamente lingüístico. A fidelidade, se pode ser atingida, será alcançada na dimensão da própria leitura e interpretação. A tradução, entendida como recriação, é experimentada quando Ottoni se propõe a traduzir, no quarto texto da primeira parte, alguns “excertos-problema,” como o trecho final de *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa. No evidenciar constante da existência de línguas dentro da língua, a tradução (re)criadora promove o cruzamento e a articulação entre as línguas, “contaminando-as” e sendo “contaminada por elas” (63). Ottoni toma Paul De Man como ponto de partida, porém inova ao propor uma “teoria-resistência” da tradução encarada como *double bind* (74). Esta “teoria-resistência,” ao manter as semelhanças e as diferenças das línguas envolvidas na tradução, impossibilitaria qualquer tentativa de apagamento das mesmas. Além de apontar para um “resto” de língua que não se deixa traduzir, o que nos leva aos artigos seguintes (90).

“Tradução: reflexões sobre desconstrução e psicanálise” e “Tradução e inconsciente: a resistência à análise como mecanismo de imposição da língua,” abordam a desconstrução à luz da psicanálise. Nos últimos 30 anos, as discussões sobre tradução a partir da desconstrução e da psicanálise, têm sido freqüentes, pois ambas encaram a tradução de modo diverso da teoria lingüística tradicional. A desconstrução, ao examinar ou analisar Freud sob novas lentes, questiona a tradução a partir dos textos do “pai da psicanálise.” A desconstrução possibilita que a tradução e a psicanálise, ao procurarem desvendar as semelhanças e as diferenças entre as línguas, se encontrem em suas “estranhezas” (89). A tradução, encarada como escritura a partir de Derrida, permite pensar a “assimetria,” o “excesso” e o “resto” de significação que há nas línguas. O “resto,” impureza essencial das línguas, é o que “não se deixa traduzir” (90). Este “resto,” o “excesso de significação” que constitui as línguas, torna a tradução um acontecimento (91). O “resto,” resíduo intraduzível, pode ser lido no registro da melancolia ou da perda. Steiner, em seu amplo e pioneiro estudo sobre a tradução, identifica a melancolia como efeito histórico da

impossibilidade vivida pelo tradutor de fazer com que seu texto corresponda fielmente ao original (269). Lages, ao retomar Steiner para se distanciar dele, propõe uma alternativa, digamos, mais festiva e menos traumática para a tradução. Ao tentar fugir da impossibilidade desconstrutivista e da idéia de perda, Lages retoma os escritos dos primeiros românticos de Iena, deles resgatando o conceito-chave de traduzibilidade. Nesse sentido, via Benjamin, sua proposta tradutória toma o rumo da anulação de Babel, multiplicadora de línguas. Diferindo da proposta desconstrutivista que, *a priori*, evidencia as línguas envolvidas na tradução, Lages talvez caminhe em busca da utópica e absoluta “língua pura” benjaminiana, conciliadora de todas as outras (9–21). Nesse sentido, sua proposta não deixa de ser um contraponto interessante à abordagem desconstrutivista, adotada por Ottoni.

Retomando Ottoni, no sétimo artigo cujo título é “Teoria polifônica, escritura e tradução: algumas considerações,” a teoria polifônica da enunciação de Oswald Ducrot é posta em xeque. Através da comparação de um enunciado em inglês, alemão, francês e português, retirado da peça *Édipo Rei* de Sófocles, constata-se a instabilidade dos significados. Ao responder se a teoria polifônica da enunciação funcionaria da mesma forma em todas as línguas, Ottoni conclui que esta teoria não dá conta de explicar o funcionamento da tradução e do jogo infinito da disseminação de significados. Apesar do que desejaria Ducrot, o jogo de vozes não garante um sentido estável e controlado. Se a teoria polifônica funcionasse de maneira idêntica em, pelo menos, uma língua, ainda assim não poderíamos afirmar a existência de várias línguas numa mesma língua ou como diz Ottoni, que “uma língua é desde sempre línguas” (115).

No oitavo texto, “A formação do tradutor científico e técnico: necessária e impossível,” Ottoni demonstra como as teorias da tradução de base lingüística dificultam o envolvimento dos aprendizes com a língua, reforçando dicotomias discutíveis que, no limite, incapacitariam os futuros tradutores a conviver com o *double bind*. Os dois últimos artigos, “A tradução da *différance*: dupla tradução e *double bind*” e “Tradução manifesta e *double bind*: a escritura de Jacques Derrida e suas traduções” abordam, particularmente, os que estão nos bastidores, nesse caso os tradutores de Derrida. A discussão gira em torno da polêmica tradução do neografismo *différance* suscitada através de prefácios, notas e posfácios escritos por seus tradutores. Ottoni considera esta polêmica, não sem certa perspicácia, “uma das

mais fortes encenações do próprio jogo da *différance*” (14). A importante relação entre as línguas francesa e inglesa para a desconstrução não deixa de ser enfatizada, bem como a participação decisiva dos tradutores de Derrida para o inglês.

Na segunda parte da coletânea encontramos a tradução, realizada por Ottoni, do texto de Derrida: “Fidelidade a mais de um—merecer herdar onde a genealogia falta.” O autor autorizou a forma como o texto está organizado e a introdução de sua tradução nesta coletânea. Ottoni realizou seu pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, tendo, naquela ocasião, a oportunidade de participar dos seminários de Derrida. O fato de Ottoni tê-lo conhecido facilitou o intercâmbio de informações necessárias para a transcrição das fitas.

Tradução Manifesta: double bind e acontecimento revela os impasses do paradoxo que deve ser enfrentado e suportado pelos tradutores que adotam uma perspectiva desconstrutivista. Como diz Seligmann-Silva, não há tradução perfeita, já que ela capta sempre um momento de reflexão, devendo, portanto, ser encarada como “essai” (187). Em meio a todos os desvios e diante do *double bind*, aposta necessária e impossível, o tradutor torna-se um (in)certo equilibrista. Mas é fora das amarras das teorias totalitárias que “eternizam um saber absoluto” sobre a linguagem que a tradução, “lá onde ela é um acontecimento considerável do pensamento, tem lugar de ter lugar” (15).

Débora Racy Soares
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Notas

1. Agradeço aos editores pelas generosas sugestões.
2. A dificuldade da tarefa do tradutor inscreve-se na própria palavra *Aufgabe* que aponta, ao mesmo tempo, para a tarefa (*Aufgabe*) e para a renúncia ou abandono (*Aufgeben*) da tradução.

Trabalhos Citados

Arrojo, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986.

- Benjamin, Walter. *Gesammelte Schriften*. Vol. 4. Frankfurt: Suhrkamp, 1972. 9–21.
- Campos, H. “Post-scriptum: transluciferação mefistofáustica.” *Deus e o Diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 1981. 179–209.
- Seligmann-Silva, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: 34, 2005.
- Steiner, George. *After Babel: Aspects of Language and Translation*. New York: Oxford UP, 1976.